

Desmintamos tópicos e estereotipos sobre as persoas migrantes no mundo actual

Lee con atención o seguinte documento e realiza as actividades que se propoñen.

PRUEBA 2. DESMONTANDO ESTEREOTIPOS



LAS MIGRACIONES DE PAÍSES AFRICANOS SE DIRIGEN ESPECIALMENTE A EUROPA

Falso: El 75 % (tres de cada cuatro) de las personas migrantes provenientes de países africanos se desplazan internamente en sus países o a otro país cercano a sus hogares. Por ejemplo, Etiopía es uno de los países de acogida de personas refugiadas más grande del mundo, y el segundo país en el continente africano que más personas refugiadas acoge. A día de hoy, los países más empobrecidos son los que atienden a un mayor número de personas refugiadas.

LA MIGRACIÓN CONTRIBUYE POSITIVAMENTE A NUESTRAS ECONOMÍAS

Verdadero: Según datos de la Oficina Económica de Presidencia del Gobierno, el 30 % del crecimiento del PIB entre mediados de los años noventa y la primera década de este siglo fue consecuencia del asentamiento de personas y comunidades migrantes. Un efecto que escaló hasta el 50% entre los años 2000 y 2005.

LOS INMIGRANTES VIENEN A ROBAR

Falso: Los datos no permiten establecer la conexión entre inmigración y delincuencia. De hecho, España es el tercer país con menor tasa de criminalidad de Europa. En cuanto a la población reclusa, en España había en enero de 2021 un total de 15.937 personas reclusas extranjeras, que representan apenas el 0,29 % de los extranjeros que residen en España. La cifra queda muy lejos de indicar que la mayoría de personas inmigrantes vienen a España a delinquir. Por otro lado, es importante mencionar que ya no se utiliza la palabra *inmigrante*, pues las personas estamos en constante movimiento, por lo que somos migrantes entrando y saliendo a distintos países y regiones. Además, esta afirmación sugiere que solo hay migrantes hombres, cuando la realidad es que hay también mujeres, niñas y niños migrantes. Es importante visibilizar la diversidad de personas migrantes, ya que según su edad, género, procedencia, etc. pueden vivir vulnerabilidades añadidas durante el proceso de migración forzada.

LOS INMIGRANTES SATURAN LOS SERVICIOS SANITARIOS

Falso: Las personas migrantes consultan un 7 % menos al médico de cabecera que las y los ciudadanos españoles. Estas personas migrantes, para poder acudir al médico, cotizan a la Seguridad Social, como hacemos todos y todas. Las personas en situación irregular solo pueden tener acceso a los servicios mínimos de urgencia, lo cual cubre un derecho básico de acceso a la salud.

LAS PERSONAS MIGRANTES TIENEN MÁS AYUDAS QUE LOS ESPAÑOLES

Falso: Lo muestran los siguientes ejemplos. La Comunidad de Madrid dio el 65 % de las ayudas al alquiler a personas de nacionalidad española, según las listas provisionales del año 2019. Por otro lado, las personas usuarias de los servicios sociales en España a fecha de diciembre 2016 eran: 84 % de nacionalidad española, 14 % migrantes no pertenecientes a la UE y 3,4 % migrantes europeos.

HAY DEMASIADOS INMIGRANTES

Falso: En España, a 1 de enero de 2016, había 46.557.008 personas, de las que 2.574.585 eran extranjeras de países fuera de la Unión Europea y 2.043.996 tenían nacionalidades de la Unión Europea. Es decir, el porcentaje real de personas extranjeras en España no pertenecientes a la Unión Europea es el 5,5 % del total de la población. Muchas de estas personas solo están en España por tránsito y se dirigen a otros destinos.

LAS MIGRACIONES SON INHERENTES A LA CONDICIÓN HUMANA

Verdadero: Las personas y sociedades hemos migrado a lo largo de la historia, nunca hemos dejado de migrar. Somos seres migrantes.

EXISTE EL EFECTO LLAMADA

Falso: De enero a octubre de 2019 se redujeron las llegadas en un 48 % respecto al año anterior. Sin embargo, en estos últimos años ha aumentado la mortalidad con respecto al número de llegadas; 1 de cada 8 en 2018 por 1 de cada 55 en 2017, en parte a causa de las políticas tomadas en las fronteras, que criminalizan el rescate de personas migrantes y el cierre de fronteras.



Apesar da mentalidade individualista da sociedade, temos numerosas pessoas e associações em Galiza que acolhem imigrantes.

—Análise

A acolhida dos emigrantes africanos em Galiza



Victorino Pérez Prieto

Escritor

Segundo dados recentes do INE, a começo do 2022 havia 117.824 pessoas imigrantes censadas em Galiza; seguramente o número medrou ao longo do passado ano e haveria que engadir os muitos que estão sem censar. Em qualquer caso, é um dado que quadruplica a cifra do 2001, quando havia uns 25.602 imigrantes censados. Deste jeito, Galiza, de ser um país exportador de emigrantes foi-se convertendo nas últimas décadas numa sociedade que acolhe imigrantes; particularmente africanos, ainda que

inçara também a presença dos latino-americanos. Os imigrantes representam já mais do 4% da povoação galega; estão maiormente nas províncias de Pontevedra e A Coruña.

Além dos frios dados, interessou-me a realidade concreta desses imigrantes: qual é a sua situação, os seus problemas mais graves, desde o alojamento, o trabalho e a vida de cada dia, relações, etc. Sobretudo, a acolhida que lhes estamos a dar aos que estão em situação mais precária, os subsaarianos.

Apesar da mentalidade individualista da sociedade, temos numerosas pessoas e associações em Galiza que acolhem a estes imigrantes. Ademais das estatais que fazem isto entre nós, como a Cruz Vermelha, Cáritas ou Accem (Asociación Católica Española de Migraciones), temos pequenas associações galegas que cumprem um valioso labor: Ecos do Sur, Ecodesarrollo Gaia, Renacer, SOS racismo, Semvalos, Viraventos, Teranga-Juan Soñador, etc.

— Os imigrantes representam já máis do 4% da povoação galega

Tenho falado em várias ocasiões com um destes imigrantes assentado na Corunha, o senegalês Djibril Faye e com José Fernández Pernas, um médico corunhês fundador da associação Renacer em 1985. O doutor Pernas é muito conhecido na Corunha, onde a sua associação tem atualmente 80 pessoas acolhidas em 15 pisos. Estes pisos são levados de maneira autogestionada pelos mesmos imigrantes. O financiamento é por uma parte externo: os "sócios protetores" e os "sócios colaboradores", entre os quais está um convénio com o Concelho da Corunha. E, pela outra, por "sócios familiares"; pessoas que chegaram a esses pisos em acolhida e logo, quando puderam desenvolver-se autonomamente, seguiram colaborando com eles. Pernas salientou-me que o espírito cristão é o que pôs a andar o projeto e o que o mantém até hoje; ainda que nos seus pisos a acolhida seja indiscriminadamente a cristãos, muçulmanos e de qualquer identidade.

Djibril é um senegalês que teve uma dura história no seu país e chegou ao nosso via Canárias e atravessando Espanha como tantos irmãos; colabora desde há quinze anos em Ecos do Sur. Conta-me que atualmente os imigrantes subsaarianos na Galiza são sobretudo do Senegal, Nigéria, Mali,

Costa de Marfil ou Camerun; países francófonos que têm ainda uma economia muito dependente de França, que mantém um brutal colonialismo nos territórios que foram dependentes da metrópole. O incremento das migrações nas últimas décadas é fruto dessas políticas económicas. Os citados países foram alcançando a independência, mas seguem a manter realmente uma dependência de Paris, na sua economia e vida diária: "no que produzem, no que vendem e no que comem", comenta-me Mito (Guillermo Fernández, de Ecodesarrollo Gaia); uma economia totalmente intervinha por Francia.

Alojamento e estância, os maiores problemas

Os maiores problemas destes imigrantes são o alojamento e o acesso aos permisos de estância para poderem estar legalmente no país e trabalhar para ganhar o sustento. De estar na rua ou amontoados em "pisos patera" ou de ocupas, foram passando a compartilhar pisos mais decentes graças às associações. Neles, a convivência entre muçulmanos e cristãos é habitualmente pacífica. O mais difícil é levar os 3 anos que devem estar como mínimo para conseguir o regulamento da estância e poder ter um contrato. "Três anos sem poder fazer nada! —ergue a voz Djibril— para gente jovem e forte, num país que precisa mão de obra". Também os problemas com o idioma e a educação.

Ultimamente, um jubilado das terras de Florêncio Delgado Guirrián, Constantino González Rey, leva um tempo tentando preparar uma casa de acolhida para imigrantes senegaleses e surafricanos em Seadur-Larouco, na comarca ourensana de Valdeorras, e uma fundação com o nome do benemérito Padre Seixas. O seu projeto era recuperar uma reitoral que a Igreja tem abandonada e convertê-la em vivenda autogestionada pelos mesmo imigrantes, aos quais pudera dar-se-lhes formação, e logo trabalho na comarca. Infelizmente, topou-se com dificuldades da mesma Igreja para conseguir a reitoral —outra vez "com la Iglesia hemos topado..."—, e de financiamento para o projeto que semelham insalváveis, apesar de pôr Constantino uma generosa aportação económica. Por fim consegui alugar uma casa na zona.